

**LITERATURA DE TESTEMUNHO E LITERATURA MUNDIAL:
UMA INTERSECÇÃO TEÓRICA FORMULADA PELA VOZ
LITERÁRIA DO ROMANCE *ATOS HUMANOS*, DE HAN KANG**

*TESTIMONY LITERATURE AND WORLD LITERATURE: A
THEORETICAL INTERSECTION FORMULATED BY THE LITERARY
VOICE OF THE NOVEL HUMAN ACTS, BY HAN KANG*

Marcelle Silva LIEBERMANN Teixeira¹

RESUMO: O objetivo deste trabalho é desenvolver uma análise literária a partir do romance sul-coreano *Atos humanos* (2021), da escritora Han Kang, tomando como foco específico o epílogo intitulado “Lâmpada coberta de neve”. A principal proposta é discutir e articular os conceitos de literatura mundial e literatura de testemunho como ideias em diálogo constante na narrativa, a partir da figura do narrador. Em outras palavras, a partir de trechos selecionados e elementos narrativos, pretende-se refletir como a ideia da literatura mundial pode ser entrelaçada com as características que permeiam a literatura de testemunho, sob a roupagem da obra literária selecionada.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura de testemunho; Literatura mundial; Escrita de si.

ABSTRACT: The proposal of this article is to develop a literary analysis based on the South Korean novel *Human Acts* (2021), written by Han Kang, taking as a specific focus the epilogue entitled “Lamp Covered in Snow”. The main proposal is to discuss and articulate the concepts of world literature and testimony literature as ideas in constant dialogue in the narrative, based on the figure of the narrator. In other words, based on selected excerpts and narrative elements, we intend to reflect on how the idea of world literature can be intertwined with the characteristics that permeate testimonial literature, under the guise of the selected literary work.

KEYWORDS: Testimonial literature; World literature; Self-writing.

1 Introdução

Este artigo tem como principal objetivo explorar e analisar as características narrativas do narrador do epílogo “Lâmpada coberta de neve”, retirado do romance *Atos humanos* (2021), de Han Kang. A proposta é compreender como a articulação do narrador e suas características particulares podem se relacionar com a ideia de literatura de testemunho e de literatura mundial, à medida que sua constituição tem aspectos de

¹ Graduanda do curso de Letras, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, São Paulo, Brasil. Professor orientador: Gustavo Scudeller. E-mail: marcelle.liebermann@unifesp.br.

uma escrita de si ficcionalizada: o narrador, ao mesmo tempo que é uma entidade textual com a função de transmitir a narrativa, se metamorfoseia em um narrador diretamente relacionado ao autor empírico.

Esses indícios extraídos do narrador, unidos à construção fragmentada da narrativa, assumem uma luz interessante quando vistos pela perspectiva da literatura de testemunho e entendidos não só pela sua natureza estética, mas também pelo contexto político e social que se relaciona diretamente com a obra.

Essa concepção de análise, por sua vez, se encaixa na ideia de literatura mundial, já que traz em si reflexões que podem ser vistas por um viés tanto particular quanto universal.

2 Literatura mundial

Primeiramente, antes de um maior aprofundamento nos aspectos do *corpus* escolhido, é importante que sejam situados os recortes teóricos evocados para a análise. O primeiro é a ideia da literatura mundial, aqui fundamentada por Eloá Heise (2007), que constrói uma discussão panorâmica das formulações deste conceito desde seu surgimento nos ideais do escritor alemão Goethe.

Vale ressaltar que este elemento teórico, postulado há séculos de distância da realidade contemporânea, repercute e toma diferentes formas até hoje, e sua relação com a sociedade em constante mudança, em diversos aspectos, permite novas interpretações e reflexões sobre o que seria a literatura mundial. Neste trabalho, o que interessa são as caracterizações realizadas por Goethe, sob a escrita de Heise, nos pontos em que o diálogo com a literatura de testemunho se torna não só possível como necessário sob a luz de obras literárias cuja análise pode iluminar ambos os conceitos teóricos.

Assim, a gênese do conceito de literatura do mundo, ou *Weltliteratur*, diz respeito não só ao campo literário, mas à ideia de cultura, pressupõe “uma ideia que se aproxima do conceito de universalidade: o advento de uma literatura que deveria conduzir a um novo *ethos* universal, algo que se aproximaria de uma totalidade de caráter moral” (Heise, 2007, p. 36). Nesse viés, a literatura mundial supõe um campo de literatura universal que tem como princípio o intercâmbio cultural entre literaturas, e é justamente esta ideia de troca que é fundamental para o entendimento deste conceito:

Ao definir claramente *Weltliteratur* como “patrimônio comum da humanidade”, Goethe também oferece pistas para que esse ideal se torne real: é preciso informar-se do que acontece em outros países, sem limitar nosso gosto ao “apertado ambiente”, voltando sempre a “olhar para fora”. Em outras palavras, é preciso estabelecer um diálogo com o outro. A ideia de uma literatura mundial surge da crença na existência de um constante processo de efeitos recíprocos entre as literaturas nacionais (Heise, 2007, p. 43).

É importante a ressalva, feita pela própria autora, de que a literatura mundial não pressupõe uma *uniformização* das características culturais, e não deve ser confundida

com a noção contemporânea de globalização, onde há uma hegemonia de algumas culturas sobre outras.

Dito isto, pode-se inferir que a ideia de literatura mundial equilibra uma dicotomia: particular vs. universal. Esse equilíbrio se desdobra pela proposta de, no diálogo e troca entre literaturas e culturas, não só buscar o que nelas há de universalmente humano, mas também reforçar a identidade própria de cada cultura em sua particularidade. Nas palavras de Heise, “entender uma manifestação literária como *Weltliteratur* não significa abrir mão de sua especificidade como literatura nacional; significa, antes de tudo, um mergulho no nacional até que se encontre o que há nele de universal” (Heise, 2007, p. 49).

Nesse sentido, na busca do que há de universal em uma obra literária, é possível observar os aspectos que compõem uma literatura de testemunho como características particulares, nacionais, mas também como questões de cunho universal, de forma que ela se relacione com a ideia de literatura mundial.

3 Literatura de testemunho

Já expostas as formulações gerais a respeito da literatura mundial, é crucial serem discutidas as questões sobre literatura de testemunho, para que os dois conceitos possam ser relacionados de maneira coerente. Para tal, a fundamentação teórica utilizada se baseia no trabalho de Márcio Seligmann-Silva (2003), que discute de forma crítica e panorâmica tudo o que permeia o testemunho na literatura.

A concepção de uma literatura testemunhal começa a se delinear a partir de estudos e obras produzidas na América Latina, na consolidação do que é chamado de literatura de *testimonio*. Em contrapartida, a ideia do testemunho na literatura passa a assumir outras formas e gerar outras reflexões a partir de obras e pesquisas relacionadas à Shoah, ocorrida na Europa do século XX. Seligmann-Silva refaz este percurso teórico de forma panorâmica, observando que:

Na América Latina, o conceito de *testimonio* foi desenvolvido nos países de língua espanhola a partir do início dos anos 1960. Diferentemente do que ocorre na reflexão sobre o testemunho da Shoah na Alemanha, na França ou nos EUA, na Hispano-América passa-se da reflexão sobre a *função testemunhal da literatura* para uma conceitualização de um novo *gênero* literário, a saber, a *literatura de ‘testimonio’*. A ‘política da memória’, que também marca as discussões em torno da Shoah, possui na América Latina um peso muito mais de política ‘partidária’ do que ‘cultural’: aqui ocorre uma convergência entre política e literatura (Seligmann-Silva, 2003, p. 32, grifos do autor).

Ainda segundo o autor, é de vital importância ressaltar que as pesquisas sobre o testemunho na literatura implicam o cruzamento entre o literário, como um campo de estudos, com outros aspectos que envolvem aquilo que é histórico, social e, como já mencionado, político, pois

(...) não podemos abordar as manifestações artísticas/literárias sem levar essa imbricação [arte/literatura e política] em conta. O conceito de *teor testemunhal*

abre essa possibilidade *de dentro* dos estudos literários. O estudo desse elemento da obra literária não deve apagar ou reduzir a preocupação com o estudo das estratégias estético-poéticas que impregnam toda manifestação escrita. Um estudo que leva em conta o teor testemunhal deve, no entanto, conduzir a uma nova interpretação desses componentes. Toda obra de arte, em suma, pode e deve ser lida como um testemunho da barbárie (Seligmann-Silva, 2003, p. 12, grifos do autor).

Não é por acaso que a gênese da literatura de testemunho/*testimonio* se desdobra em contextos políticos conturbados, marcados por duras ditaduras, períodos de guerra e violência. Isso porque o testemunho na literatura, de forma resumida, se relaciona com a “descrição” e “relato” de experiências de sobrevivência, intrinsecamente ligadas à memória de um evento traumático. Em suma, o testemunho na literatura se relaciona com “descrição” e “relato” de experiências de sobrevivência, intrinsecamente ligadas à memória de eventos traumáticos (ou eventos-limite).

Esses eventos podem ser diversos, mas neste trabalho o principal tema diz respeito a situações traumáticas cujo cerne é a violência estatal e política de um período ditatorial, funcionando como fio condutor da obra *Atos humanos* e encaixando-a dentro da literatura de testemunho, e conseqüentemente também dentro da literatura mundial. Mais adiante serão expostas as características específicas do romance e do período histórico (evento-limite) utilizado como tema, contextualizando a obra politicamente.

Essa intersecção de conceitos se manifesta de formas diferentes nos dois contextos mencionados: o *testimonio*, como gênero consolidado essencialmente na América Latina, enfatiza o caráter jurídico e histórico do termo, e “existe apenas no contexto da contra-história, da denúncia e da busca pela justiça. A *verdade* e a *utilidade* são, portanto, fundamentais na concepção de *testimonio* [...]” (Seligmann-Silva, 2003, p. 33-34, grifos do autor). Em suma, a ideia de *testimonio* tem, tanto como projeto de fundação de um gênero literário quanto na forma como são feitas suas leituras, uma qualidade de denúncia e reportagem.

Ou seja, o grande foco se volta para uma natureza *documental*, e esse é um dos principais pontos divergentes entre testemunho e *testimonio*, conforme foi pensado na América Latina. Há uma fundamental imbricação entre *memória* e *história* dentro do testemunho que recai sobre um debate já histórico nos estudos literários: a representação do “real” dentro da literatura, questão impossível de ser ignorada ao abordar o testemunho.

Esse ‘real’ exige uma nova *ética da representação*, na medida em que não se satisfaz nem com o positivismo inocente que acredita na possibilidade de se ‘dar conta’ do passado, nem com o relativismo inconsequente que quer ‘resolver’ a questão da representação eliminando o ‘real’. A reflexão sobre o testemunho leva a uma problematização da divisão estanque entre o discurso dito ‘denotativo-representativo’ e o dito ‘literário’, sem, no entanto, aceitar o apagamento dessas fronteiras (Seligmann-Silva, 2003, p. 9-10, grifos do autor).

Dessa forma, em linhas gerais, é a partir das reflexões sobre o testemunho provocadas pela Shoah que a questão da representação da literatura de teor testemunhal é colocada em xeque, discutindo a forma como o *testimonio* e o testemunho lidam com

essa problemática. Ainda assim, é válido ressaltar que há linhas tênues entre os dois conceitos. É possível buscar maior compreensão das relações entre obras de “teor testemunhal” a partir do entendimento do gênero do *testimonio* e sua consolidação, por exemplo. A análise literária proposta aqui deve levar em conta as características de testemunho e de *testimonio* na forma em que ambas podem se manifestar no *corpus* selecionado de *Atos humanos*, que será contextualizado mais à frente.

A mérito de maior elucidação conceitual, a forma essencial aqui compreendida por testemunho consiste

no sentido de ‘sobreviver’, de ter-se passado por um evento-limite, radical, passagem essa que foi também um ‘atravessar’ a ‘morte’, que problematiza a relação entre a linguagem e o ‘real’. De modo mais sutil — e talvez difícil de compreender — falamos também de um *teor testemunhal* da literatura de um modo geral: que se torna mais explícito nas obras nascidas de ou que têm por tema eventos-limite (Seligmann-Silva, 2003, p. 8).

Tendo em vista essa compreensão, entende-se que a obra literária de teor testemunhal evoca análises que levem em conta o contexto histórico, político e cultural em que foi produzida, ou sobre o qual se refere, e que também tome como ponto fundamental o trabalho de linguagem realizado, as estratégias e efeitos estéticos que relacionam de forma intrínseca os elementos literários e os elementos que conectam o texto com a “realidade”.

Todos esses aspectos levantam outros questionamentos: “como se articulam narração e testemunho? Quem narra testemunha o quê: a sua pertença à tradição, o seu tempo e o seu espaço? Quem testemunha narra?” (Seligmann-Silva, 2003, p. 20).

4 A figura do narrador

Um dos principais pontos de importância na investigação de uma obra literária sob a ótica do teor testemunhal é a observação não só das características narrativas, mas primordialmente do narrador.

Tendo em vista a importância da figura do narrador, faz-se pertinente contextualizar suas características a partir de uma análise proveniente da teoria literária, trazendo elementos essenciais como a ideia de narração:

Entendida como ato e processo de produção do discurso narrativo, a *narração* envolve necessariamente o *narrador* (v.) enquanto sujeito responsável por esse processo. Daqui se infere que, do ponto de vista da narratologia, a *narração* integra-se no mesmo campo da *ficcionalidade* (v.) em que aquela entidade se insere e com ela o universo diegético representado, não se confundindo, pois, com a criação literária atribuída ao *autor* empírico (Reis e Lopes, 1988, p. 60).

É fundamental entender a distinção entre *narrador* e *autor empírico*, o primeiro entendido como enunciador ficcional do universo diegético², e o segundo se referindo ao autor criador da instância literária, um sujeito com identidade e inserido histórica e sociologicamente no mundo empírico. Essa distinção é importante para a proposta de análise, já que o narrador do epílogo de *Atos humanos* é construído de forma que essa “delimitação” fica nebulosa.

Por isso, é válido ressaltar que:

A ficcionalidade (...) nunca se funda numa relação de identidade ou numa relação de exclusão mútua com o mundo empírico, mas sim numa relação de implicação, e a autonomia semântico-pragmática dos mundos possíveis contrafactuais ou não-factuais da ficção literária não anula a referencialidade mediata de tais mundos ao mundo fático e histórico (Aguiar e Silva, 1988, p. 251).

Ou seja, levando em consideração as articulações teóricas de testemunho e literatura mundial, não pretendemos construir uma análise narrativa a partir da rigidez de pressupostos formalistas cuja instância de análise se restringe ao material linguístico. Isso porque as particularidades de uma obra essencialmente ligada a processos históricos não podem ser deslocadas para um plano estritamente linguístico, pois o *discurso* proveniente do texto narrativo de características testemunhais relaciona-se de forma essencial a estes processos.

Enfim, de forma sucinta:

(...) o *narrador* configura o universo diegético que modeliza (v. *modelização*), pela peculiar utilização que faz de signos e códigos narrativos: organização do *tempo* (v.), regimes de *focalização* (v.) privilegiados, etc. A análise integrada destes distintos aspectos e categorias da narrativa assenta, pois, necessariamente na prioritária ponderação a que, em termos operatórios, deve ser sujeita a pessoa do *narrador* enquanto entidade por quem passam e em função de quem se resolvem os fundamentais sentidos plasmados pelo relato (Reis e Lopes, 1988, p. 60).

A figura do narrador traz em sua composição diversas características que constroem a forma narrativa, e todos os elementos literários presentes nela perpassam pelo narrador em sua totalidade. Esta é, portanto, a definição básica de narrador segundo a perspectiva narratológica.

Um dos elementos de construção do narrador vale melhor detalhamento, principalmente pelas discussões sobre ficção e realidade que permeiam seu percurso teórico: o foco narrativo, ou focalização.

A focalização corresponde, como o próprio nome sugere, à posição adotada pelo narrador para narrar a história, ao seu ponto de vista. O foco narrativo é um

² Entende-se o universo diegético como a história narrada de uma obra, em seu sentido de *estória*, em oposição ao *enredo*, conforme pensado pelo *New criticism* e, no sentido de *fábula*, em oposição à *trama*, conforme pensado pelos formalistas. O universo diegético é o conjunto de ações e acontecimentos expostos pela narrativa, em oposição à forma como essas ações e acontecimentos são organizados pelo discurso narrativo (Franco Junior, 2003, p. 36).

recurso utilizado pelo narrador para enquadrar a história de um determinado ângulo ou ponto de vista. A referência à visão, aqui, não é casual. O foco narrativo evidencia o propósito do narrador (e, por extensão, do autor) de mobilizar intelectual e emocionalmente o leitor, manipulando-o para aderir às ideias e valores que veicula ao contar a história (Franco Junior, 2003, p. 42).

Compreender a focalização do narrador é importante para entender toda a mobilização discursiva presente na narrativa que, tendo como princípio a análise proposta aqui, evidencia as escolhas de narração que compõem o teor testemunhal.

5 Contextualização histórica de *Atos humanos*

Explanados os conceitos principais, é necessário que aspectos históricos sejam discutidos. Isso porque, como já dito, o movimento de análise sob a ótica teórica do testemunho precisa atravessar o estético e o histórico de forma que ambos se retroalimentem e se relacionem, gerando a possibilidade de uma interpretação que não busque “resolver” a tensão entre esses conceitos, mas sim extrair novas formas interpretativas a partir do contato entre eles.

Dito isso, *Atos humanos* (소년이 온다³) é um romance sul-coreano, escrito pela romancista, contista e poeta Han Kang, publicado em 2014 na Coreia do Sul, e traduzido diretamente do coreano para o português brasileiro em 2021, pela Profa. Dra. Ji Yun Kim.⁴

A obra tem como base um acontecimento histórico conhecido como *o massacre de Gwangju*, ou *Movimento Democrático de Gwangju*. Esse episódio, ocorrido em um contexto de regime ditatorial e militar na Coreia do Sul, foi um levante popular protagonizado por estudantes que durou de 18 a 27 de maio de 1980. Trata-se de uma insurreição armada que foi violentamente reprimida pelo exército militar coreano. As estimativas das mortes variam entre 600 e 2.000 estudantes e outros cidadãos.

O Movimento Democrático de Gwangju de 18 de maio de 1980 é um evento traumático na história da Coreia do Sul, quando uma manifestação em favor da democracia e contra o governo militar se tornou um confronto sangrento entre os cidadãos e o exército na cidade de Gwangju. (...) Atualmente, a revolta de Gwangju é sinônimo de justiça e democracia na sociedade sul-coreana, enquanto nos anos 1980 era considerada uma perigosa rebelião protagonizada por gangues e comunistas (Lee, 2012, p. 1, tradução nossa).

Em suma, este é o evento-limite que permeia a narrativa de *Atos humanos*. A obra é composta por seis capítulos e um epílogo, e cada um dos capítulos possui uma voz narrativa diferente. Ou seja, cada narrativa apresenta um personagem como foco, e todos possuem alguma ligação entre si e com o acontecimento histórico referido. Apesar de cada história ter suas particularidades, todas retornam a um único evento da época: a

³ Em tradução literal: “Menino vem”, ou “Aí vem o menino”.

⁴ Atualmente é professora do Departamento de Letras Orientais da Universidade de São Paulo, na área de Língua e Literatura Coreana.

LITERATURA DE TESTEMUNHO E LITERATURA MUNDIAL: UMA INTERSECÇÃO TEÓRICA FORMULADA PELA VOZ LITERÁRIA DO ROMANCE *ATOS HUMANOS*, DE HAN KANG
ocupação do prédio Docheong por estudantes e a posterior invasão do exército militar que assassinou muitos deles.

Assim, cada capítulo apresenta uma narrativa particular, metamorfoseando as características dos narradores de acordo com cada história e com as diferentes formas de violência representadas, bem como produzindo o teor testemunhal da obra.

6 Epílogo: o narrador de *Lâmpada coberta de neve*

O epílogo de *Atos humanos* possui traços que o diferenciam do restante do romance. Primeiramente, convém expor aspectos básicos sobre elementos narrativos aqui importantes: autor e narrador. Sobre as duas figuras, Franco Junior diz que

A distinção entre autor e narrador é fundamental para o desenvolvimento do estudo do texto narrativo a partir de princípios e metodologia científicos. A primeira coisa que se deve saber sobre o narrador é que ele é uma categoria específica de personagem, e não deve, portanto, ser confundido com o autor do texto, por mais próximo que pareça estar deste. Autor, para ficarmos com uma simplificação extrema, é aquele que cria o texto e narrador é uma personagem que se caracteriza pela função de, num plano interno à própria narrativa contar a história presente num texto narrativo (Franco Junior, 2003, p. 40).

No entanto, nesta narrativa há uma fusão entre a figura do autor e do narrador. Tal fato constitui particularidades de narração cujas especificidades não são o foco deste trabalho, mas considerações a respeito deste aspecto são relevantes tanto para uma contextualização do *corpus* quanto para uma articulação que se relaciona diretamente com os temas teóricos aqui tratados.

Dito isto, o epílogo se desdobra em fragmentos que relatam a vivência da autora, Han Kang, tanto em partes de sua infância (concomitante ao *Massacre de Gwangju*), quanto em suas experiências de pesquisa e busca de materiais históricos para a construção de *Atos humanos*. Apesar de conter características que apontam para o *autobiográfico* da narrativa, o epílogo é construído de forma *ficionalizada*. Essas características suscitam um longo debate teórico, mas o que é interessante são as relações entre esses conceitos e a ideia de literatura de testemunho. Ao discorrer sobre *escritas de si* em relação a contextos políticos, Diana Klinger afirma:

Um segundo momento de destaque da escrita de si, nos anos da transição ou da recuperação democrática nos países do Cone Sul que sofreram as ditaduras militares dos anos 70 e 80. Nesse contexto aparecem inúmeros relatos memorialistas das experiências dos jovens políticos ou dos exilados, romance-reportagem ou romance-depoimento, testemunhos autobiográficos que, de alguma maneira, podem ser considerados como testemunho de uma geração (Klinger, 2006, p. 22).

Dessa forma, realizando um deslocamento para o contexto ditatorial sul-coreano, pode-se relacionar o romance de Han Kang, sobretudo o epílogo, com uma ideia de escrita de si em forma de testemunho dentro da literatura. Klinger ainda ressalta que “a experiência pessoal relatada traz como pano de fundo problemas de ordem filosófica,

social e política: o testemunho autobiográfico se pretende como testemunho de uma geração” (Klinger, 2006, p. 20).

Assim, o foco da análise não se volta apenas para a subjetividade observada no testemunho, mas principalmente para os aspectos que podem ser apreendidos como o testemunho de uma geração e de um evento cuja natureza traumática constitui uma literatura de teor testemunhal. Aliás, a própria ideia da escrita de si como testemunho em contextos ditatoriais pode ser considerada um aspecto de estudo da literatura mundial, vinculando-se à própria proposta deste trabalho: os contextos autoritários se manifestam nas histórias de diversos países ao redor do planeta, e cada um reflete de um modo particular os efeitos da violência em forma artística e literária, sem deixar de se relacionarem entre si na expressão de uma universalidade.

Feitas as considerações, convém observar em trechos selecionados do epílogo as questões teóricas expostas. Vale observar que, no início do epílogo, não há evidências explícitas de que se trata de uma escrita de si ficcionalizada. Partindo do princípio de não recorrer a elementos biográficos da autora para reconhecer essa escrita, o primeiro indício que a narrativa apresenta se encontra no seguinte trecho:

Lembro-me do inverno, quando eu tinha vinte anos, em que visitei o Mangwoldong sozinha pela primeira vez. Caminhando por entre os túmulos no morro do cemitério, eu o estava procurando. Até então não sabia seu sobrenome. Lembrava-me apenas do nome, que tinha ouvido, escondida, na conversa dos adultos. Dongho, quinze anos, foi um nome rapidamente memorizado, pois era parecido com o do tio mais novo (Kang, 2021, p. 151).

A pista está na menção de Dongho: esse é o personagem principal da narrativa do primeiro capítulo do romance, sendo mencionado muitas vezes ao longo dos outros capítulos. A narradora relembra o nome que ouviu em conversas quando era mais nova (diálogos que descreve no início do epílogo, demonstrando as formas com as quais primeiro tomou conhecimento dos acontecimentos históricos que o país vivia), e dá indícios de que, há tempos, buscou a história do estudante de quinze anos que nunca conhecera, mas que havia morado na mesma casa em que ela própria passou parte da infância, em Gwangju, após a família da narradora se mudar para a capital da Coreia do Sul.

Disseram que o dono da casa onde você morava havia alugado o puxadinho, e um menino que tinha a mesma idade do filho do dono morava lá. Disseram que, do colégio D, três foram mortos e dois desapareceram, e dois meninos só dessa casa... (Kang, 2021, p. 146).

A trajetória do personagem Dongho é desenvolvida no romance de forma fragmentada e interessante, à medida que, após protagonizar a narrativa do capítulo inicial, o leitor toma conhecimento do desfecho de sua história através de outros personagens: Dongho foi morto pelo exército em uma ocupação do prédio Docheong

feita por civis. É este personagem, e seu destino trágico, que constitui a espinha dorsal⁵ da busca da narradora do epílogo por registros e materiais do acontecimento histórico mencionado.

A pista que pode ser considerada como definitiva de que se trata de uma escrita de si ficcionalizada é uma série de falas (não é necessariamente um diálogo, pois a narradora suprime a própria fala, e a narrativa se desenvolve como uma espécie de listagem em versos) de um personagem que, eventualmente, entende-se como o irmão de Dongho:

Me desculpe. Ia terminar a aula mais cedo, mas atrasou.
Sente, por favor. Aceita tomar alguma coisa?
Sabia que aquela casa tinha sido de um professor que dera aulas a Dongho.
Não sabia que tinha notícias da gente.
Na verdade, eu hesitei. Não tenho o que dizer, para que encontrar. Aí pensei: o que a mãe faria se estivesse viva?
Sim, se a mãe estivesse viva, a encontraria, sem hesitação. Não teria parado de falar de Dongho nem largaria a senhora. Viveu assim por trinta anos. Mas eu não posso fazer isso.
Permissão? Claro que permito. Mas tem que escrever bem. Tem que escrever direito. Escreva para que ninguém mais possa insultar meu irmão mais novo, por favor (Kang, 2021, p. 154).

A partir da frase “mas tem que escrever bem”, é possível especular que se trata de um encontro para pedir a permissão de inserir a história de Dongho no romance: aí está um indício da escrita de si ficcionalizada.

O que é interessante é que, além das menções a Dongho e a busca por informações a respeito dele, uma outra nuance pode ser observada no epílogo de *Atos humanos*: a experiência pessoal da narradora/autora e suas relações com o Massacre de Gwangju e o regime ditatorial de forma geral.

Essa experiência se inicia com os relatos de sua infância ouvindo às escondidas as conversas de sua família a respeito das vítimas e conhecidos perseguidos pelo regime, e se desdobra para reflexões, já na vida adulta, a respeito dessas vítimas com uma espécie de culpa de sobrevivente e empatia pelo sofrimento de quem vivenciou de forma “direta” a brutalidade daquele período:

Eu estava a salvo. Entre os parentes, ninguém se machucou, ou morreu ou foi levado à força. No outono daquele ano, apenas pensei: o quarto onde eu fazia a lição de casa, deitada de bruços no chão frio, será que aquele menino do ensino secundário também teria usado aquele mesmo quarto ao lado da cozinha? Ele realmente não tinha conseguido atravessar o verão quente que eu atravessei? (Kang, 2021, p. 153).

Portanto, é possível observar uma ficcionalização de uma vivência empírica e individual inscrita em um texto artístico organizado de forma fragmentada. Essa

⁵ É possível dizer que o personagem é também a espinha dorsal do próprio romance, a partir da relação entre a forma como é representado na narrativa e o próprio título original da obra: “Menino vem”, ou “Vem aí o menino”.

construção de relatos subjetivos e referentes à própria escrita do romance pode ser analisada do ponto de vista da literatura de testemunho e da literatura mundial à medida que suscita reflexões elaboradas a partir da experiência individual, mas que se estendem a um caráter coletivo e histórico.

Em certo ponto da narrativa, há uma espécie de listagem descritiva dos acontecimentos de Gwangju, mencionando as vítimas, as prisões, os assassinatos em massa de civis, e diversos outros eventos brutais e violentos, que termina em um contraste com o cotidiano da narradora: enquanto tudo acontece em outra cidade, ela pega o ônibus para ir para a escola.

Esse contraste tem seu caráter particular e coletivo ao mesmo tempo, ao passo que descreve acontecimentos referentes não a um só indivíduo, mas a vários, envolvidos com o contexto político da época de formas distintas.

Em meio a outros relatos particulares e individuais, é possível extrair reflexões realizadas na narrativa de cunho mundial: problemáticas colocadas que dizem respeito a um evento nacional, mas de uma totalidade passível de ser analisada do ponto de vista da literatura mundial. Ao discorrer sobre a pesquisa feita quanto ao *Massacre de Gwangju*, a narrativa medita a violência dos soldados sul-coreanos:

Havia soldados especialmente cruéis. O que foi mais difícil de entender quando li os materiais pela primeira vez foram as matanças que aconteciam repetidamente. (...) Dizem que, quando sufocavam o protesto de Buma no outono de 1979, o diretor de segurança da Casa Azul, Jicheol Cha, disse ao presidente Jeonghee Park desta maneira: “No Camboja, mataram mais de dois milhões de pessoas. Não tem nenhuma razão para não fazermos isso também.” Quando a manifestação se ampliou em Gwangju em maio de 1980, o exército usou lança-chamas contra os cidadãos desarmados na rua. Distribuíram aos soldados balas de chumbo, proibidas pela lei internacional por razões humanitárias (Kang, 2021, p. 176).

É muito significativo que, ao narrar um suposto diálogo entre o diretor de segurança e o presidente, haja uma comparação com um acontecimento no Camboja, um país do sudeste asiático. É possível inferir que a capacidade de destruição do ser humano é demonstrada universalmente dentro de diversas culturas particulares, e dentre todas as diferenças culturais, há um elemento de totalidade humana expressa pela demonstração violenta comum a todas elas. O que aconteceu no Camboja poderia ser feito também na Coreia do Sul, e realmente o foi.

Dentro desta conjuntura, a resposta artística possível é a literatura de testemunho, sob diversas formas, em diversas línguas. À medida que se reelaboram as formas de violência ao longo da História, reelaboram-se também as formas literárias que ativamente compõem respostas ao contexto social. Ao refletir sobre a força e o lugar da literatura em meio a perseguições políticas, o filósofo Derrida diz:

Em que essas perseguições trazem também a marca de nosso tempo? Por que, entre as vítimas eleitas, passamos a encontrar tantos escritores? Por que, para tantos homens e mulheres, a palavra pública se inscreve na ficção romanesca, no poema, na invenção de novas formas literárias? Reelaborar questões deste tipo é

um modo de preparar novos conceitos e novas estratégias para uma *resistência internacional* (Derrida, 2004, p. 15, grifos nossos).

Trazendo as formulações de Derrida para a reflexão proposta aqui, é possível pensar a literatura de testemunho de diversas culturas (estas que formam uma literatura mundial) como formas artísticas que testemunham e refletem a violência humana de forma a encontrar maneiras de resistir a ela em todas as suas formulações. “Será preciso elaborar essas questões, enriquecê-las e diversificá-las, na medida das próprias histórias, culturas e línguas. Será preciso, sobretudo, colocá-las à prova da singularidade das obras e dos acontecimentos” (Derrida, 2004, p. 15), e o filósofo completa seu pensamento afirmando que é este ato de colocar à prova a singularidade das obras que revela a repetição de uma história cujas perseguições podem ser combatidas.

Um outro trecho do romance faz um paralelo com aquele já citado e oferece também questões interessantes:

Assim como havia soldados especialmente cruéis, outros eram especialmente passivos. Havia um soldado da tropa paraquedista que carregou nas costas uma pessoa que sangrava, a deixou em frente a um hospital e fugiu com pressa. Havia soldados, que, quando a ordem de disparo era dada, que dispararam, levantando o cano de fuzil para cima, para não acertar as pessoas. Havia soldados que, quando cantavam juntos a canção militar, em filas diante dos cadáveres na frente do Docheong, foram captados pelas câmeras da imprensa estrangeira com a boca fechada até o final. Havia uma atitude meio parecida nas pessoas do exército civil que ficaram no Docheong. A maioria delas apenas recebeu armas de fogo, mas não conseguiu atirar. À pergunta de por que ficaram, mesmo sabendo que iam perder, todas as testemunhas que haviam sobrevivido responderam de maneira semelhante. *Não sei. Apenas senti que deveria fazer aquilo.* Eu me enganei ao pensar que eles eram vítimas. Eles ficaram lá porque não queriam ser vítimas (Kang, 2021, p. 181–182).

As reflexões realizadas na narrativa dialogam com as visões teóricas aqui expostas. Primeiramente, a busca pelo traço não-violento e humano em soldados participantes da repressão praticada pelo exército sul-coreano contra cidadãos é um exercício que combate uma possível dicotomia entre “bem e mal”, onde o Estado seria uma uniformização de pessoas dispostas à prática repressiva de forma igual. Tendo em mente esta busca, a comparação entre soldados do exército militar e soldados do exército civil também põe à prova a ideia dicotômica entre Estado e população civil, visto que a compaixão, o medo e outros sentimentos humanos se manifestam, em meio ao conflito, nos dois “lados”.

Todas essas questões são cruciais para refletir o *nacionalismo*, a ideia de nação e sua defesa quando há uma disputa política que envolve toda a população e o Estado em situações de violência e morte. Que tipo de força e sentimento mobiliza um cidadão comum a se armar contra forças do Estado, mesmo tendo consciência de uma derrota iminente? Esse tipo de questionamento feito pela narrativa abrange aquilo que é nacional desta obra específica, mas esta mesma indagação pode (e deve) ser pensada e reelaborada dentro de outras culturas que sofreram um período de repressão política, como o Brasil. Mais uma vez, é possível transportar elementos observados em uma

narrativa particular de testemunho para um plano de reflexão da literatura mundial, pois “o efeito principal do estudo de uma cultura estrangeira reside, portanto, no fato de se descobrir nela alguma coisa que nos diz respeito e está relacionada conosco” (Heise, 2007, p. 52).

Por fim, outro trecho extremamente significativo de *Atos humanos* manifesta toda a discussão aqui proposta:

Na madrugada de janeiro de 2009, lembro que murmurei de repente, sem sequer perceber, assistindo ao vídeo do incêndio do mirante em Yongsan: aquilo é Gwangju. Ora, Gwangju era outro nome para algo isolado, algo esmagado à força, algo prejudicado, algo que não deveria ter sido prejudicado. A explosão da radiação ainda não acabou. Gwangju renascia inúmeras vezes e era assassinada inúmeras vezes. Explodindo, infectando-se e, sangrenta, era reconstruída (Kang, 2021, p. 177).

A narradora observa um evento se desdobrar (o incêndio de Yongsan, onde mortes foram causadas em um conflito entre cidadãos e a polícia) e associa este acontecimento ao *Massacre de Gwangju*. A prática da violência, a barbárie, em todas as suas formas, é uma prática perpetuada e repetida ao redor do mundo que recebe muitos nomes e realiza muitas metamorfoses, mas todos esses eventos-limite possuem algo de uma totalidade humana cuja semelhança é a destruição e a construção de traumas individuais e coletivos que, inevitavelmente, se manifestarão em literaturas de teor testemunhal.

Ao discorrer sobre a memória em relatos e testemunhos, Seligmann-Silva afirma que ela “é, a um só tempo, *individual e irreduzível* aos conceitos e generalizações e faz parte da construção da memória individual e coletiva” e completa com a seguinte ideia: “para a memória, o ‘passado’ é ativo e justamente ‘não passa’” (Seligmann-Silva, 2003, p. 15–16, grifos do autor). Desta forma, a memória individual daqueles que sobreviveram a eventos traumáticos compõe a memória coletiva de um passado que não cessa, pois, relacionando esta reflexão com o trecho acima, este passado é constantemente reproduzido em novas faces.

Desta forma, nesta reflexão, Han Kang manifesta a ideia do universal a partir do particular: Gwangju, enquanto lugar que testemunhou a violência estatal, é parte do que se chama de nacional, parte da história da Coreia do Sul. Mas sua essência, as práticas e eventos desenrolados em seu âmago, partilham algo em comum com outras violências estatais demonstradas em outros países.

Considerações finais

Após a análise e discussão dos trechos selecionados a partir do escopo teórico exposto, é possível observar que as formulações da literatura mundial aplicadas em uma obra particular se entrelaçam diretamente com as formulações da literatura de testemunho. Isto porque a ideia de uma literatura testemunhal de catástrofes e tragédias particulares se manifesta em níveis mundiais, e questiona a própria ideia de nacional, como reflete Seligmann-Silva:

Com a noção de testemunho, o discurso da análise literária pode tomar um rumo que permite a revisão crítica de certos conceitos herdados das filologias do século XIX, como a própria noção de ‘literatura nacional’. Se em noções como essa a relação entre autor-obra-leitor era ‘resolvida’ com base em uma instância superior e ‘objetiva’ — uma espécie de Estado-nação que hegelianamente encarnaria o espírito se realizando na história —, com a concepção de testemunho, a análise literária tenta dar conta da superação da Era dos grandes paradigmas universais — que justamente, diante das catástrofes do século XX, se revelaram ociosos e baseados em uma antropologia filosófica (pré-psicanalítica) inocente (Seligmann-Silva, 2003, p. 42).

Em suma, o testemunho na literatura desenvolve uma problemática envolvendo a ideia de literatura nacional que não mais se apresenta cabível em um período histórico onde as manifestações destrutivas exigem que certos conceitos sejam reelaborados no campo da arte. Se nesta adversidade teórica forem trazidos os princípios da literatura mundial, a questão pode produzir análises que discutam não apenas a ideia de uma literatura nacional, mas realizem a convergência entre aquilo que é particular e específico de uma cultura, e aquilo que expressa elementos de caráter total dentro destas características particulares.

Este cruzamento teórico pode ser considerado necessário ao focalizar obras de teor testemunhal para a produção de uma análise literária que leve em consideração a elaboração de uma crítica ativamente consciente do poder de resistência da literatura a níveis nacionais e mundiais, reconhecendo a importância e a força artística na produção de formas que sejam capazes de combater violências diversas.

Ao apresentar os ideais de Goethe sobre a literatura mundial, Heise escreve que “a grande ambição a ser alcançada pelas literaturas que devem constituir a literatura universal é alcançar repercussão social e, pela percepção de tendências e sentidos comuns, agir como fonte de tolerância e entendimento” (Heise, 2007, p. 45). Assim, ao inserir obras de literatura de testemunho dentro do projeto da literatura mundial, ajusta-se o olhar para estas obras de modo que sejam refletidas não apenas por elas mesmas, mas em relação a todo o fundo histórico e as vivências que as permeiam intrinsecamente.

O romance de Han Kang, em toda a sua composição, apresenta elementos de teor testemunhal em todas as diferentes narrativas que constrói. Porém, o epílogo aqui utilizado como recorte demonstra questionamentos peculiares que se mostram alinhados ao cruzamento teórico mencionado. Isto se dá tanto pelas características particulares de construção (como a fusão entre autor e narrador) em função do teor testemunhal, que coloca em xeque a ideia de ficção e de autobiografia, quanto pelas elaborações indagativas ao longo da narrativa.

Como observa Seligmann-Silva:

Pensando-se o teor testemunhal da literatura, a equação sujeito-mundo não é mais resolvida de modo simplista: a balança ora pende para o subjetivo — discurso sobre a memória individual, a autobiografia, a construção do ‘passado’ como reconstrução individual etc. — ora para o objetivo — o ‘real’ como algo que molda a linguagem e escapa a ela, a memória coletiva como discurso de

construção de uma identidade que se dá em uma negociação nos planos político e estético (Seligmann-Silva, 2003, p. 42).

Ou seja, as equações envolvendo a análise da literatura de testemunho e a literatura mundial estão longe de serem resolvidas. Mas é essencial que estas problemáticas sejam permanentemente colocadas e pensadas no campo literário enquanto houver necessidade, sob a vestimenta de obras literárias cuja construção e efeito de sentido exijam que as equações sejam formuladas, pois o testemunho da barbárie será sempre escrito e inscrito na literatura do mundo enquanto houver testemunhas com a necessidade de expressá-lo artisticamente.

Como citar este artigo?

LIEBERMANN, M. S. Literatura de testemunho e literatura mundial: uma intersecção teórica formulada pela voz literária do romance *Atos humanos*, de Han Kang. *Mosaico*, São José do Rio Preto, v. 23, n. 1, p. 209–223, 2024.

Referências

AGUIAR E SILVA, V. M. *Teoria da literatura*. Coimbra: Almedina, 1988.

DERRIDA, J. Literaturas deslocadas. *Revista de Letras*, São Paulo, v. 44, n. 1, p. 13–16, 2004.

FRANCO JUNIOR, A. Operadores de leitura da narrativa. In: BONNICI, T.; ZOLIM, L. *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Eduem, 2003, p. 33–56.

HEISE, E. *Weltliteratur*, um conceito transcultural. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, [S. l.], v. 9, n. 11, p. 35–58, 2024. Disponível em: <https://rbic.com.br/index.php/rbic/article/view/229>. Acesso em: 15 maio 2025.

KANG, H. *Atos humanos*. Tradução: Ji Yun Kim. São Paulo: Todavia, 2021.

KLINGER, D. I. *Escritas de si, escritas do outro: autoficção e etnografia na narrativa latino-americana contemporânea*. 2006. 205 f. Tese (Doutorado em Letras) - Departamento de Literatura Comparada, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <http://www.bdt.d.uerj.br/handle/1/6168>. Acesso em: 3 jun. 2023.

LEE, H. *The Gwangju Uprising: A Movement, A Memory, A Myth of Modern South Korea*. 2012. 66 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Departamento de História, Universidade Vanderbilt, Nashville, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1803/5115>. Acesso em: 27 maio 2023.

REIS, C.; LOPES, A. C. Verbetes: Narrador, narratário, narração. In: REIS, C.; LOPES, A. C. *Dicionário de Teoria da Narrativa*. São Paulo: Ática, 1988.

SELIGMANN-SILVA, M. Introdução: A literatura do trauma. In: SELIGMANN-SILVA, M. (org.). *História, memória, literatura: o testemunho na Era das Catástrofes*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2003.